

A RELAÇÃO DOS JOVENS COM A FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Elisete Tomazetti (UFSM)

elisetem@via-rs.net

Resumo: Este texto tem como referência básica a pesquisa *Filosofia, Cultura Juvenil e Ensino Médio*, em andamento desde março de 2004 no Centro de Educação da UFSM. Esta pesquisa desenvolve-se a partir de base empírica em três escolas da rede pública estadual de ensino médio de Santa Maria, com alunos que freqüentam a disciplina de Filosofia e com seus respectivos professores. Também, compõe-se de pesquisa bibliográfica relativa às temáticas do ensino de filosofia e da cultura contemporânea, mais especificamente das culturas juvenis. Durante o ano de 2005, foram feitas as tabulações dos 320 questionários, transformadas em gráficos e analisadas detidamente. Foram realizadas entrevistas coletivas com grupos de oito alunos por série, em cada escola e entrevistas com os professores das escolas envolvidas. Os objetivos a serem atingidos são: identificação e análise das representações e das práticas dos alunos do ensino médio em relação à disciplina Filosofia; identificação e análise das representações e das práticas dos professores de Filosofia do ensino médio, acerca de seus alunos, de sua disciplina e da escola. A pergunta que orienta nosso trabalho é a seguinte: Como os alunos do ensino médio de algumas escolas da rede pública estadual concebem a disciplina Filosofia, e como interagem com a cultura juvenil, a cultura escolar e o saber filosófico no cotidiano escolar?

Palavras-Chave: ensino de filosofia, cultura juvenil, jovem

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em nossa pesquisa temos estudado e refletido se as condições contemporâneas da sociedade e da cultura têm interferido na relação que o aluno/jovem tem com a escola e, especialmente, com a disciplina Filosofia. Interessa-nos compreender se o jovem se *implica* com o filosofar em sala de aula, se as habilidades de leitura e compreensão do texto filosófico são exercitadas na aula de filosofia e como o professor propõe o seu desenvolvimento. O “implicar-se” diz respeito à “relação com o saber” que o jovem/aluno estabelece, como desenvolve Bernard Charlot (2000). Perguntamo-nos se a aula de filosofia, ao acolher os alunos jovens, tem tomado como ponto de partida do ensino aquilo que o aluno vive fora da escola, seja na família, na rua, nos grupos. Outro elemento importante, contemplado em nossos questionários, entrevistas e leituras, refere-se às formas de diversão, ao acesso ao mundo das novas tecnologias da informação e da comunicação, a audiência à televisão, ao mundo da mídia de uma forma geral.

Tomamos como referência a definição de cultura de Canclini (2005, p. 41), para o qual: “a cultura abarca o conjunto dos processos sociais de significação ou, de um modo mais complexo, a cultura abarca o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social”. E cultura juvenil é entendida como “o sistema de valores socialmente atribuídos à juventude (tomada como conjunto referido a uma fase de vida), isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições de vida” (PAIS, 1993, p. 54).

Partimos de alguns pressupostos, quais sejam: há uma crise da escola atual, pois ela não representa mais o espaço privilegiado de acesso ao saber e à informação. A escola moderna estaria sendo incapaz de cumprir com suas funções originais de

transmissão e formação cultural, pois com ela concorrem outros espaços e ferramentas formativas próprias do mundo contemporâneo.

Nesta escola moderna, em crise, o ensino de filosofia recomeça uma história, tantas vezes interrompida, ao sabor dos interesses dos políticos e burocratas brasileiros. Este recomeço está se constituindo ainda de maneiras bastante tradicionais, com aulas onde o professor expõe o “conteúdo”, o tema filosófico, e o aluno ouve; onde o livro didático ou a apostila e o polígrafo são peças centrais. É uma aula pautada na história da filosofia e, muito raramente, em problemas ou questões filosóficas nas quais os alunos sejam envolvidos de forma significativa. Há também aulas dialogadas, com perguntas e mais perguntas do professor a seus alunos, que se tornam um pouco mais ativas e envolventes, mas que, em muitos casos, acabam sendo a exposição de opiniões que não encaminham para uma compreensão filosófica elaborada.

Na região central do Rio Grande do Sul, com a inclusão da filosofia no PEIES¹ e no vestibular, os professores recorrem à listagem de conteúdos propostos pela universidade e indagam ansiosamente sobre como serão as questões de filosofia. Os alunos do ensino médio afirmam que agora terão que prestar mais atenção na aula, pois a seleção para o ensino superior dependerá também do que aprenderem nas aulas de filosofia. Por outro lado, os alunos do curso de filosofia, em estágio nas escolas, em geral impulsionados pelos professores-orientadores, sentem-se inseguros, pois são desafiados a construir aulas de filosofia que façam o aluno se implicar, que se constituam a partir de problemas dos próprios alunos. São desafiados a ter coragem de experimentar novas configurações de aula, deixando-se levar pelo movimento produzido pelo pensamento em ação. No entanto, a inserção da filosofia nos processos seletivos de

ingresso no curso superior começa a inibir tais atitudes, ou, pelo menos, o sentido de uma aula atrativa e interessante passa a ter como modelo a aula de cursinho pré-vestibular.

Neste cenário, primeiramente aplicamos um questionário a 400 alunos de três escolas públicas de ensino médio de Santa Maria. Posteriormente realizamos entrevistas coletivas, realizadas com grupos de 8 a 10 alunos por ano e por escolas. Algumas das respostas oferecidas pelos alunos nestas entrevistas compõem esse artigo.

1. ALGUMAS IDÉIAS QUE SUSTENTAM NOSSA PESQUISA

Partimos de alguns pressupostos, quais sejam: há uma crise da escola atual, pois ela não representa mais o espaço privilegiado de acesso ao saber e à informação. A escola moderna estaria sendo incapaz de cumprir com suas funções originais de transmissão e formação cultural, pois com ela concorrem outros espaços e ferramentas formativas próprias do mundo contemporâneo.

Comungamos com Sarlo (2004, p. 112), a afirmação de que:

[...] a escola pública já não é iluminada pelo prestígio que tinha, reconhecido tanto pelas elites, quanto pelos setores populares, nas primeiras décadas deste século. Na maioria dos países da América Latina, a escola pública é hoje o lugar da pobreza simbólica, onde professores, currículos e meios materiais concorrem em condições de muito provável derrota com os meios de comunicação de massa, que dão acesso gratuito ou moderadamente custoso e abarcam todos os territórios nacionais.

Juntamente com a idéia de crise da escola está a de crise da autoridade e da tradição. Agregado a estas, impõe-se o decréscimo de sentido atribuído ao valor formativo do saber,

substituído pelo seu valor performático. Aprender sempre acaba tendo um sentido exterior e instrumental.

Outra idéia que sustenta nosso estudo foi buscada em Lyotard (1989), quando afirma a existência conflituosa de dois idiomas: o idioma de um curso filosófico e o idioma do mundo contemporâneo assumido pelos alunos jovens. Esta incongruência de idiomas pode ser traduzida na seguinte pergunta: se defendemos que o ensino de filosofia para alunos jovens deve colocar em ação o pensamento e tal exige paciência, anamnese, escuta, será que a cultura contemporânea propicia este tipo de aula? Ou, como disse Silvio Gallo (2005, p. 391), “será o tempo em que vivemos propício ao exercício filosófico?”. Se, como diz Lyotard:

O curso filosófico [...] é equivalente a transmitir, sobre temas impostos ou não do programa, não apenas exemplos desse trabalho de recomeço extraídos da bibliografia filosófica, [...], mas de inscrever o trabalho de escuta, de anamnese, de elaboração na própria aula, pragmaticamente. Inscrevê-lo actualmente no pequeno mundo de nomes próprios em que durante duas horas se joga o que está em jogo no curso nesse dia. E o que está em jogo é sempre, precisamente, que esse trabalho de pensamento ocorra, esteja em curso, na aula, aqui e agora (idem, p. 122).

Parece que os professores não têm suportado “a infância do pensamento” (idem, p. 122). Muitos, talvez, estejam desistindo de fazer acontecer o curso filosófico, pois, como diz Lyotard, não suportam abdicar de progredir na aula, de forma calculável e aparente; não desafiam os alunos, não os forçam a pensar; não retomam o curso filosófico pelo começo. Têm dificuldade em aceitar “perder tempo” em uma aula, pois o mundo exige ganhar tempo e é preciso correr para terminar a

lista de conteúdos que foram determinados previamente e que serão cobrados.

Concebemos uma aula de filosofia como o lugar para colocar em ação o trabalho do pensamento e isto implica a paciência, a escuta para chamar o aluno, para fazê-lo participar com suas questões, com suas dúvidas.

Entrando em contato com as salas de aula de filosofia, percebemos que, na maioria dos casos, professores e alunos estão enredados no idioma do mundo contemporâneo, que exige rapidez, que impõe a aquisição de performances, de gozo, traduzida como facilitação, como sedução a qualquer custo. E, ainda, na dificuldade em nomear o sentido da escola e da escolarização.

Para o grupo de pesquisa tem sido recorrente a pergunta: como fazer conviver o idioma do curso filosófico e o idioma da cultura contemporânea materializada nas culturas juvenis em uma aula de filosofia? A expressão “conviver” não está sustentada na idéia de que a cultura midiática, dos meios de comunicação de massa, a cultura da imagem, são inevitáveis e, portanto, devem adentrar a aula de filosofia, assim como aceitar passivamente as habilidades requeridas e desenvolvidas pelo uso destas ferramentas. Estamos, por hora, constatando esta realidade e o poder de governo que ela assumiu contemporaneamente sobre os indivíduos:

No âmbito específico das práticas escolares, o próprio sentido do que seja ‘educação’ amplia-se em direção ao entendimento de que os aprendizados sobre modos de existência, sobre modos de comportar-se, sobre modos de constituir a si mesmos – para os diferentes grupos sociais, particularmente para as populações mais jovens – se fazem com a contribuição inegável dos meios de comunicação. Estes não constituiriam apenas uma das fontes básicas de informação e lazer: trata-se bem mais de um lugar extremamente poderoso no que tange à produção e à cir-

culação de uma série de valores, concepções, representações – relacionadas a um aprendizado cotidiano sobre quem nós somos, o que devemos fazer com nosso corpo, como devemos educar nossos filhos, de que modo deve ser feita nossa alimentação diária, como devem ser vistos por nós, os negros, as mulheres, pessoas das camadas populares, portadores de deficiência, grupos religiosos, partidos políticos e assim por diante. Em suma: torna-se impossível fechar os olhos e negar-se a ver que os espaços da mídia constituem-se também como lugares de formação – ao lado da escola, da família, das instituições religiosas (FISCHER, 2002, p.153).

Se tomamos na sua radicalidade o texto de Lyotard, constatamos sua idéia de *incongruência* dos dois idiomas, pois aponta apenas três possibilidades para o desenvolvimento de uma aula de filosofia:

1. a situação platônica, que seria materializada na escolha dos melhores alunos e na realização da aula de filosofia – do curso filosófico apenas com eles;
2. a segunda situação seria relativa a uma pedagogia da facilitação, de redução de expectativas;
3. e a última alternativa seria a de realizar o curso filosófico com outros alunos, que não os jovens, mas sim homens e mulheres adultos, já senhores de si e com profissão definida e que buscam estabelecer uma relação efetiva com a filosofia.

Certamente que tais alternativas fogem às nossas preocupações e, por isso, temos insistido na idéia de “convivência”, de “congruência” entre estes dois idiomas, ou seja, entre o curso filosófico, o exercício do pensar, e as novas formas culturais vividas pelos alunos jovens no mundo contemporâneo. A defesa desta idéia é sustentada na compreensão de que o mundo da vida e o mundo da escola devam ser aproximados, produzindo uma relação de sentido com o que é ensinado e aprendido.

Desta forma, problematizamos e procuramos encontrar alternativas de superação da cultura escolar que, segundo Gómez (2001, p. 11), “está adaptada a situações pretéritas”. A escola, conforme o autor, continua ainda hoje perpetuando uma cultura que ignora ou recusa o que ocorre ao seu redor. Essa cultura escolar tem resistido a novas possibilidades de ensino e a novas relações com o saber que considerem as mudanças que vêm ocorrendo na cultura social e experiencial de professores e alunos.

Segundo Spósito, as últimas décadas têm apresentado mutações sociais que exigem um olhar atento de estudiosos sobre a relação entre escola, cultura e sociedade. Além disso, segundo a autora tem corrido,

o reconhecimento da perda do monopólio cultural da escola, e da educação escolar – apesar de sua especificidade e importância – tende a se transformar em uma cultura entre outras. Desse modo, os jovens percorrem vários espaços de trocas sociais para além da escola e esta não constitui a única possibilidade de sua presença no mundo para além da família (2004, p. 77).

A juventude constitui sua identidade e cultura em vários espaços, dentre eles, a escola. Esta afirmação nos encaminha, então, para a reflexão acerca de quais as características desta cultura que é produzida nesses diferentes espaços e de como a escola se relaciona com ela. Ao procurar caracterizar a cultura juvenil contemporânea, Garbin pergunta-se sobre o que é geração zapping, e sua resposta traz a afirmação de que é uma juventude que:

convive, desde a infância, com a televisão, e que não consegue imaginar o mundo sem a televisão, sem computador, sem Internet, sem chats, sem sites, sem celulares etc. É uma camada juvenil que tecla num chat ao mesmo tempo em que troca e-mails, navega em sites, assiste televisão (com o controle remoto

à mão), ouve música num walkman ou num aparelho de som e comenta o que assiste e ouve no chat em que tecla, troca de canais a todo instante em busca de novas imagens, de novos sons, dos mais diferentes lugares e com os mais diferentes personagens, com uma velocidade ímpar, inventando, com isso, novas cenas – no caso da televisão – compondo assim uma espécie de fast-food de imagens acionadas por um controle remoto ou por um teclado (2003, p. 127).

A cultura midiática contemporânea difunde, mesmo que de uma forma não totalmente intencional, visões do mundo, sentidos e explicações para a vida e para a prática das pessoas e, desta forma, influencia sobremaneira sua vida cotidiana, sua maneira de pensar. É neste contexto que grande parte dos jovens alunos das escolas de ensino médio se encontram. É nele que se tem constituído subjetividades que se tornam, muitas vezes, refratárias ao conhecimento e à escola. Por isso, pensamos que temos uma mesma escola dentro de uma cultura social que vem mudando a passos largos, o que gera um descompasso entre a vida na escola e a escola da vida. São novas habilidades e novas formas de pensar que estão sendo gestadas pelos jovens e que a escola não tem conseguido minimamente problematizar ou tomar como ponto de partida para o desenvolvimento do currículo escolar.

Construir argumentos acerca da idéia de convivência entre cultura juvenil e curso filosófico não é tarefa fácil. Primeiramente, poderíamos assumir enfaticamente o sentido de resistência e de negação destes atributos e exigências produzidas pela cultura contemporânea aos alunos/jovens. Caberia, então, recuperar ou investir na leitura do texto clássico, na sua interpretação e comentário escrito.

Por outro lado, assumimos a idéia de que a implicação, o envolvimento do aluno, verdadeiramente, com a aula, somente ocorrerá se suas questões, seus dilemas e dúvidas se manifesta-

rem, fizerem-se presentes. É neste ponto que temos nos encaminhado para pensar que o engate entre a aula de filosofia e as vivências/problemas dos alunos/jovens pode ser acionado através do cinema, de charges, de músicas, de textos de jornais/revistas/internet. Não concebemos tais instrumentos como tendo um fim em si mesmo, mas como potencializadores do pensamento. Para além do texto, do livro, da fala do professor, do quadro, estes outros recursos fazem parte da vida destes jovens, são também seus mediadores para com o mundo.

De uma forma mais ampla, Júlio Cabrera² propõe que os problemas filosóficos têm na imagem uma forma importante de manifestação, no entanto, ainda pouco reconhecida nos cursos de filosofia, sejam eles bacharelado ou licenciatura. As questões filosóficas podem ser aproximadas dos jovens do ensino médio com mais possibilidades de gerar significados para suas vidas.

O cinema e a literatura podem ser filosóficos se aceitarmos que a linguagem, o estilo, a gramática da filosofia podem variar imensamente, desde o poema filosófico até a exposição more mathematico (Arthur Danto tem expressado isto muito bem), ou seja, que a filosofia não está condenada a um único estilo expositivo. E se aceitarmos que o filosofar esteve vinculado apenas contingentemente com uma tradição, pensadores ou artistas ou estudiosos de outras tradições podem pensar o real e articulá-lo em conceitos, ou mostrá-lo em sua vivencialidade histórica, mesmo fora dessa tradição. Se filosofar consiste em pôr numa linguagem idéias vinculadas com a condição humana, a moral, a linguagem, etc. não há nada que condene estas problemáticas à sua forma escrita de exposição. É uma contingência histórica que as imagens, e não os textos escritos, não tenham sido escolhidos pelos homens para veicular idéias filosóficas. (CABRERA, 2006)

O filme é presença na vida dos jovens, independentemente da pergunta sobre quais filmes eles assistem e sobre sua qualidade. Defendemos por isso a sua presença também na escola como um “recurso e um objeto pedagógico” (FISCHER, 2002, p. 68), no caso específico de nossa pesquisa, nas aulas de filosofia. A introdução do afeto ao conceito pode abrir caminho para a entrada do jovem aluno no universo da filosofia e do filosofar.

2. OS ALUNOS E A AULA DE FILOSOFIA

Nas entrevistas realizadas com os alunos ficam claras suas dificuldades com o processo de leitura, de concentração. Quando foram indagados sobre quais seriam as características de um bom aluno de filosofia, responderam:

- *Acho que a principal coisa é a capacidade de concentração, pra ti conseguir entender o que a filosofia ta tentando te passar, tu ir além do que ela ta tentando te passar. Acho que é isso!*

- *Acho que é a atenção, né?. Se vem na aula de filosofia tem que prestar atenção na filosofia. Mas tem uns que só vem pra bagunçar.*

- *Acho que ter atenção, concentração; respeito pelo professor, tem que basicamente se concentrar, não adianta vim pra aula só pra ouvir.*

- *Concentração, atenção na aula e pensar junto com o professor.*

- *Além da concentração tu tem que querer aprender; querer saber, tu tem que querer saber o que tu pensa sobre aquilo, na tua opinião.*

- *Cara, no mundo difícil da filosofia, o cara tem que se achar, tirar o conceito dele, daí tu vai comparar com aquilo, daí tu vai rebater o teu conceito, forma um conceito único, acho que em filosofia tem que ser assim, quanto mais viajado melhor.*

- *Gostar da matéria e ler muito.*

- *Acho que é gostar da disciplina e ter um professor que passe, assim, bem como é, explique melhor.*

- *Acho que expor as idéias, né, em cada coisa que tu tá estudando e interpretar bem.*

- *Prestar bastante atenção na aula e o que não entender, procurar nos livros.*

Os alunos reconhecem como características importantes de um aluno de filosofia: atenção, concentração, expressão oral, vontade de aprender, desejo de saber, se interessar, “tirar o conceito dele”, “pensar junto com o professor”. Entram, também, como elementos importantes a capacidade de questionar em sala de aula, perguntar ao professor, gostar de ler e escrever muito, ter senso crítico, tentar entender o que a professora fala, pesquisar aquilo que não entendeu em aula.

Embora indiquem estas características de um bom aluno de filosofia no ensino médio, a grande maioria diz que não as têm, que não se portam da maneira considerada necessária. Esta discrepância manifesta-se quando nomeiam as dificuldades que enfrentam nas aulas de filosofia.

3. DIFICULDADES NAS AULAS DE FILOSOFIA

- *Em meia hora tu lê uma página, relê e relê pra ver se tu entende e não entende nada.*

- *Muitas perguntas.*

- *Quando tem que colocar no papel. Falar é fácil, mas a gente botar ali..., escrever...*

- *Ah! Sim, a gente faz umas perguntas, bem que a gente fica pensando assim, pra buscar uma solução, sabe, a gente pensa, pensa... e não acha nada assim muito que dá pra responder, sabe?*

- É, agora tu escrever o que tu pensa. Isso fica difícil, porque a filosofia é assim mesmo, é uma pergunta que tu escreve uma resposta, mas gera outra pergunta e vai te levando a uma dúvida maior.

- Eu acho que nas nossas aulas é que ele fala coisa muito antiga, sabe, então é mais do tempo dele... eu acho que tinha que modernar, tipo falar mais a nossa linguagem, pra nós, pra gente interpretar melhor. Eu não entendo muito sobre filosofia, até às vezes nem gosto de assistir aula, porque eu não entendo de nada.

- Às vezes a aula se torna bem cansativa porque é só teoria, teoria então, é uma aula chata. Ficar sentada o período inteiro escutando o professor falar. É chato, mas dá pra entender.

- Eu acho que além dos alunos não se interessarem, acho que os professores não fazem a aula ser uma coisa interessante, sabe, porque, pelo menos os meus professores: a aula tá uma bagunça e eles não se impõem, não falam nada assim, vão passando coisa no quadro e falam só pro quadro mesmo. Então, daí, tu acaba não se interessando e os professores acabam deixando por isso mesmo. Eu acho.

- Acho que a compreensão globalizada.

- Entender a linguagem da professora. Ela usa linguagem muito culta, a gente acaba não entendendo o que ela fala.

- A parte mais teórica, assim. Claro que toda ela é teórica, mas tem partes assim, que são mais difíceis, assim da matéria.

- Eu acho que nenhum aluno vem pra escola querendo estudar, a maioria vem obrigado. Mas se o professor souber puxar a atenção do aluno e explicar bem a matéria dele, porque tem muita matéria que é um saco. Tu olha o caderno, que saco isso aqui, hoje não. Mas se o professor for mais inteligente e dar uma aula diferente ele chama bem a atenção do aluno e o aluno sempre sai aprendendo alguma coisa, por menor que seja. Então eu acho que não pode ser aquela coisa de senta, pega o livro e lê da página tal à página tal e façam os exercícios. Acho que tem que despertar a atenção do aluno, porque hoje em dia já não é mais como antigamente. O pessoal quer mais é viver nes-

sa fase, assim curtir a fase que está passando. Mas o professor sabe como, tem alguns que conseguem, mas outros não fazem o menor esforço.

Os alunos reconhecem como difícil na aula de filosofia: a linguagem usada pelo professor, que é muito culta; o fato de tratar de coisas muito antigas, muito teóricas. Também disseram que a filosofia faz muitas perguntas e não as responde. Achrom difícil ter que escrever na aula, ter que ler textos complicados. Incomoda a “bagunça” dos colegas. Eles reclamam que o professor muitas vezes não se impõe como autoridade em sala de aula e deixa a “bagunça” acontecer, desiste de ensinar.

As falas dos alunos nos sugerem que, muitas vezes, a aula de filosofia parece não ter avançado para além do ouvir, do copiar, do ler e escrever. Nem mesmo esta leitura é do texto clássico, mas de fragmentos dos livros didáticos.

Quando os alunos relacionam filosofia com o antigo, o velho, o teórico, o culto, indiciam que não estão se envolvendo na aula. Por isso, eles enfatizam a necessidade que têm de prestar atenção, de se concentrarem para chegar à compreensão. Reconhecemos aí um distanciamento da filosofia, que poderia ser superado pela produção inicial de problemas com os quais eles se conectem.

Quando o aluno diz que a aula é “só teoria, teoria, ouvir, ouvir e ficar sentado”, ele não estaria denunciando seu papel de aluno passivo, sua condição de imobilidade corporal e mental, seu não movimento/envolvimento?

4. FILOSOFIA É

- Ah... eu acho que a intenção da filosofia é passar os conhecimentos dos filósofos, mas acaba virando matação de aula mesmo.

- Nos ensinar a raciocinar.
- Acho que é uma forma de tu se perguntar o porquê das coisas, entendeu? Porque muitas vezes as coisas acontecem contigo, só que tu nunca pára e pensa o porquê isso tá acontecendo...
- Pra mim é tentar achar o porquê das coisas e mesmo assim a gente ainda acaba se confundindo mais.
- Pra mim eu acho que a filosofia é uma viagem, mas é legal, sabe, tu viaja na maionese, mas é tri massa.
- Filosofia pra mim é como os dois falaram: é pensar e procurar o porquê das coisas. Tu querer sempre mais, tu buscar o conhecimento, tu saber a tua verdade, querer saber o porquê dessas coisas, querer saber por que eu tô aqui, por que a gente tá nessa sala de aula, além da sociedade e da mídia, os amigos. Buscar a tua razão, o que tu pensa que são as coisas, tirar o teu conceito.
- Uma maneira de expor nossas idéias. Ou até de responder as perguntas que não têm resposta, ou tem e a gente não concorda, ou a gente não tinha parado ainda pra pensar.
- A filosofia é um conhecimento mais sobre a vida.
- É, eu acho que é conhecimento e uma maneira de ver a vida e tentar compreender os negócios.
- Não, assim, acho que o pessoal... ah! Filosofar! É dose, não agüento filosofia porque já vem com a história assim ó, filosofia é um saco, meu. O cara fala de história que aconteceu lá na Grécia onde os carinhas que tavam viajando... já vem com essa mentalidade que báh, filosofia é um pé no saco. Mas eu não acho isso. Depois que eu comecei a estudar achei bem legal...
- Geralmente tu pensa assim: que tu quer saber do passado, já passou mesmo, não me interessa filosofia. É todo mundo assim... Ah, que nem história, só fala de política antiga, essas coisas que não tem nada a ver.

“A filosofia é uma disciplina muito teórica e trata de coisas muito antigas...” O que podemos inferir desta fala dos alunos? Num primeiro momento, a filosofia não diz nada de interessante a eles, não fala de coisas próximas de suas vivências. O próprio vocabulário utilizado, muitas vezes, impede a compreensão. Diria Bernard Charlot (2000) que, nestas condições, os alunos não estabelecem uma relação de sentido com o saber filosófico. Certamente não será estranho lembrar que tal situação não ocorre exclusivamente em uma aula de filosofia. Há muita “teoria”, termos difíceis, afastamento das questões da vida em uma aula de matemática, de biologia, de português, enfim. No caso da disciplina filosofia, o indício é de que a aula transcorre com conteúdos que são expressão de uma história da filosofia ou mesmo de temas ou quem sabe problemas que não chegam a afetar os alunos, que não repercutem em uma “aprendizagem significativa”; ou melhor, que não se constitui como uma aprendizagem filosófica na sua radicalidade – desenvolvimento de uma atitude de questionamento, de dúvida, de produção de perguntas que realmente clamam por respostas, porque podem ajudar ao aluno em sua condição existencial – cumprindo apenas um papel burocrático, institucionalizado.

Quando o aluno reivindica uma “aula diferente”, que aula ele deseja? Uma aula que chame a sua atenção e interesse. Não esqueçamos que os alunos do ensino médio, na sua grande maioria, nunca leram nada de filosofia antes, não tiveram contato, quase nenhum, com a filosofia, como já tiveram desde os anos iniciais com a matemática, com a história, com as ciências. Se nossos colegas das ciências naturais falam das dificuldades de uma alfabetização científica e tecnológica, mesmo com vários anos de escola, penso que seria importante que professores de filosofia do ensino médio se colocassem na situ-

ação de quem está na ignorância no que se refere a uma aula de filosofia. Não podemos esquecer que a atitude filosófica pode ser desenvolvida, mesmo longe do espaço acadêmico da filosofia e se trata de introduzir os alunos na linguagem, nas habilidades requeridas pela filosofia, mas acima de tudo, apontar para ele sua condição de possível “filósofo”.

5. E O PROFESSOR DE FILOSOFIA?

- Foi assim... a aula, o professor já chega com uma vontade de dar filosofia, incrível né? Ele vem com um poligrafozinho ali... vamos ler. Estão sublinhando, estão sublinhando? Isso aí vai contar uns pontos. Sublinharam isso? Então tá, acabou a aula, muito obrigado, podem sair.

- Aquele que consegue fazer o aluno prestar atenção na aula.

- É, eu acho que o professor tem que se impor como autoridade na sala de aula, não como amigo. Tudo bem, tem que ser amigo, mas tem que se impor e que fazer com que o aluno se interesse pelo conteúdo, eu acho.

- É, que o professor se imponha, assim, que a turma tenha respeito e que ele traga métodos, assim, que chamam mais a atenção dos adolescentes para que eles se interessem mais.

- Acho que achar uma nova forma de dar aula. Umas coisas mais dinâmicas, assim. Algo que faça a gente se interessar mais do que escrever no quadro, fazer exercício, explicar. Algo que a gente realmente sinta interesse em aprender.

- Acho que ele não pode falar, falar, falar. Ele tem que pôr em prática, tem que fazer brincadeiras, jogos, tem que exercitar o que falou em aula.

- Tem que ter mais criatividade na aula, que faça com que ela seja mais interessante.

- Que não fale, fale, só falar e a gente escutar.

Nas entrevistas, os alunos descrevem os atributos de bom professor de filosofia:

- ser objetivo, ir direto aos assuntos
- ter domínio sobre a turma
- saber passar a matéria
- ter o dom da palavra
- explicar bem
- ensinar sem ser chato
- ser exigente com os alunos
- gostar do que faz e deixar transparecer
- aquele que relaciona os conteúdos da matéria com o cotidiano de sua vida

Os alunos reclamam um professor que tenha, ao mesmo tempo, autoridade, simpatia, descontração, e que fale a língua do jovem. Prioritariamente, que chame a atenção do aluno e “desperte” seu interesse pela aula através de uma boa explicação, da relação da matéria com seu cotidiano.

Cabe destacar que aparecem diferentes concepções de professor reunidas em uma mesma pessoa. O que significa explicar bem a matéria? Pode-se dizer que não é apenas se valer de um texto, de uma linguagem difícil, culta, teórica, mas saber explicar o conteúdo em seu engajamento com a realidade e o cotidiano do jovem, por meio da linguagem dele. Estes atributos fariam, na visão dos alunos, que seu interesse e atenção fossem despertados ou constituídos.

Seguindo na linha de reflexão de Benetti (2003) e Charlot (2000), entendemos que o desejo pelo saber, a relação com o saber, não se estabelece de forma instantânea e uniforme, mas se dá pela captura de algo que tem sentido, que produz um disparo inicial para começar uma relação. Não esquecendo Deleuze, o pensamento vai se constituindo a partir deste vínculo,

problema, situação que o força, que o violenta. “O que é primeiro no pensamento é o arrombamento, a violência, é o inimigo, e nada supõe a filosofia” (DELEUZE, 1988, p. 230). Talvez pudéssemos dizer que estes alunos, ao relatarem sua relação com a disciplina filosofia, estejam pedindo professores que os forcem a pensar, lhes proporcionem o acontecimento que força o pensamento.

Os alunos relatam que ouvem um conteúdo, uma explicação sem sentido, muito teórica, muito antiga, em uma aula, tantas vezes, tumultuada e até com falta de respeito entre colegas. Assim, para eles é difícil estabelecer uma relação de sentido com a filosofia; não entendem por que devem estudar autores “gregos”, antigos, de outro tempo, que não lhes dizem nada de interessante hoje. Isso tudo é agregado a uma aula em que há um texto difícil que é preciso ler e depois ainda, “por cima”, escrever um outro texto, demonstrando que houve compreensão.

Recuperando o já explicitado, ao ensinar filosofia o professor deveria exercitar a paciência, ou seja, “suportar não progredir de forma calculável, aparente; começar sempre é contrário aos valores ambientes de prospectiva, de desenvolvimento, de valorização, de performance, de velocidade, de contrato, de execução, de gozo” (LYOTARD, p. 122). Acrescento: o ato educativo comporta a imprevisibilidade do aprender e a imprevisibilidade do movimento do pensamento, que abre para o reconhecimento do aluno em sua singularidade e diferença. Portanto, há sempre um espaço do não-definido, do improvável. O planejado pelo professor não se materializa de forma retilínea e unívoca em todos os alunos.

Se na aula de filosofia do ensino médio os alunos são desafiados a acionar seu pensamento, isto significa que eles passam a ter condições de participar deste mundo, compreenden-

do e resistindo aos processos de alienação e de homogeneização. Por outro lado, percebemos que os alunos têm cada vez menos disposição para o esforço do estudo, da leitura, da atenção, da escrita. Ou, dito de outra forma: os alunos não encontram razões para assumirem tais disposições em relação à escola e às aulas. Por isso, é importante pensar que a recuperação deste sentido do esforço, da leitura e do estudo possa ser desencadeada através de outros mediadores, os quais são próprios e presentes de suas condições culturais juvenis.

Abstract: This paper has as main reference the research project entitled Philosophy, Juvenile Culture and High School, in process since March, 2004 at Centro de Educação, UFSM. This research has an empiric base and pays particular attention to teachers and students who attend Philosophy classes in three public schools from Santa Maria. Moreover, it is composed of bibliographical research concerning topics related to the teaching of Philosophy and the contemporary culture, more specifically the juvenile cultures. During 2005, tabulations of the 320 questionnaires were accomplished, changed into graphs and analyzed carefully. Collective Interviews with groups of eight students from different levels and interviews with the teachers of the involved schools were made. The goals to be reached are: identification and analysis of the representations and of the students' practices in relation to Philosophy lessons; identification and analysis of the representations and of the Philosophy teachers' practices, concerning their students, their classes and their school. The question which guides our work is the following: how do students from some public high schools conceive Philosophy lessons, and how do they interact with the juvenile culture, the school culture and the philosophical knowledge in their daily school?

Keywords: Philosophy teaching, juvenile culture, teenagers.

NOTAS

- 1 O PEIES (Programa de Ingresso ao Ensino Superior), iniciado em 1995, constitui-se de uma prova ao final de ca-

da ano do ensino médio, a partir de uma listagem de conteúdos definidos pela equipe responsável e a qual as escolas aderem e transformam em seu currículo.

- 2 Julio Cabrera é autor do livro *O Cinema Pensa*, publicado pela Editora Rocco em 2006, que nos ajuda a pensar no filme como constituído de conceito-imagem filosófico e que pode ser utilizado em aula de filosofia, mesmo no Ensino Médio.

REFERÊNCIAS

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno explicado às crianças*. 2ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

BENETTI, Cláudia Cisiane. *Processos de singularidade e diferença no ato educativo: um trabalho a partir do ensino-aprendizagem de filosofia no ensino médio*. 2003. 169 p. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2003.

CABRERA. *Filosofia e Cinema*. Disponível em: www.unb.br/ih/fil/cabrera. Acesso em: 2006.

CANCLINI, N. Garcia. *Culturas Híbridas*. México: Grijalbo, 1990.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FAVARETO, Celso. Filosofia, ensino e cultura. In: KOHAN, Walter (org.) *Filosofia: caminhos para seu ensino*. Rio de Janeiro: PD&A, 2004. p. 43-53.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e pesquisa*, v. 28, n^o 1, jan./jun., 2002.

GALLO, Silvio. Filosofia na educação básica: uma propedêutica à paciência do conceito. IN: RIBAS, Maraia Alice C. et. al. (org.). *Filosofia e Ensino: a filosofia na escola*. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

GARBIN, Elisabete Maria. Cultur@s juvenis, identidades e Internet. *Revista Brasileira de Educação*, n^o 23, p. 119-135, maio/jun/jul/ago, 2003.

GÓMEZ, A. I Pérez. *A cultura escolar na sociedade neoliberal*. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

PAIS, José M. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.

SARLO, Beatriz. *Cenas da Vida Pós-Moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

SPÓSITO, Marília. (Des)encontros entre jovens e a escola. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (org.). *Ensino Médio: ciência, cultura e trabalho*. Brasília, MEC, SEMTEC, 2004. p. 73-90.